

ESTUDO COMPARATIVO DOS NÍVEIS DE Hg EM PEIXES DE ALGUNS MUNICÍPIOS DA BACIA DO RIO TAPAJÓS

Luciane do Socorro Nunes dos Santos¹ (PG), Ana Paula de Souza Lima¹ (PG),
Regina Celi Sarkis Müller¹ (PQ), Jorge Eduardo de Souza Sarkis² (PQ), Edilson da
Silva Brabo³ (PQ), Elisabeth de Oliveira Santos³ (PQ)

¹ Departamento de Química, Universidade Federal do Pará – 66000 Belém-PA

² Instituto de Pesquisas Energéticas Nucleares Grupo de Caracterização Isotópica
USP – Tv. R, 400 CEP 05508-900, São Paulo/SP

³ Laboratório de Ecologia Humana e Meio Ambiente, Instituto Evandro Chagas (IEC)
– CEP 67000, Ananindeua – PA.

palavras-chave: PEIXES, MERCÚRIO E AMAZÔNIA

A questão da poluição mercurial nos ecossistemas amazônicos tem sido bastante reportada por vários autores^[1, 2]. Entretanto ainda existem poucas informações sobre a contaminação de Hg em peixes nas localidades de Itaituba, Aveiro, Santarém e Óbidos, as quais estão sofrendo impactos da atividade garimpeira desta região. O peixe, fonte de alimentação básica das comunidades ribeirinhas, é a principal via de exposição ao metilmercúrio, que é a forma orgânica mais tóxica deste elemento, correspondendo com mais de 95% do mercúrio total em tecido muscular de peixes^[1].

Devido a importância do rio Tapajós, como fonte de alimentação às populações da Amazônia, o presente trabalho objetivou avaliar a contaminação mercurial em diversas espécies de peixes mais consumidas por essas comunidades locais.

A amostragem foi realizada pelo Instituto Evandro Chagas em diferentes locais ao longo do rio Tapajós em 1997 e 1998. As espécies coletadas foram aquelas consideradas mais importantes na dieta alimentar da população local. As análises foram desenvolvidas pela técnica AAS-CV, em um analisador de mercúrio HG-3500, pelo método Akagi^[3].

Os resultados mostraram que o município de Itaituba apresentou uma razão de contaminação 10 vezes maior que Santarém e 1,1 maior em relação a Aveiro, de acordo com o valor estabelecido pela OMS (500 $\mu\text{g/g}$). Quando comparados os níveis de Hg em Santarém em 1997 e 1998, observou-se um acréscimo de 3,2% no índice de contaminação mercurial. Portanto é necessário uma grande atenção aos riscos da toxicidade que podem alcançar estas populações.

[1] LACERDA, L. D. et al. Mercury Concentrations in Fish from the Itacaúnas – Parauapebas River System, Carajás Region, Amazon. Acad. Bras. Ci. (1994) 66 (3).

[2] MALM, O. et al. Mercúrio na Amazônia: Evolução da Contaminação Ambiental e Humana. Revista Tome Ciência. Vol. 22. Nº 128;

[3] AKAGI, H. et al. Human Exposure to Mercury due to Goldmining in the Tapajos River Basin. Amazon. Brazil: Speciation of Mercury in Human Hair, Blood and Urine. Water, Air and Soil Pollution 80:85-94, 1995.